

# CAPÍTULO 3

## PESQUISA QUALITATIVA E QUANTITATIVA: COMPREENDENDO AS ABORDAGENS E CONSTRUINDO POSSÍVEIS COMBINAÇÕES

Cristina Rolim Wolffenbüttel

### RESUMO

Este artigo é um ensaio que trata de dois paradigmas utilizados em pesquisas na atualidade: a abordagem qualitativa e a quantitativa. Procura apresentar alguns dados essenciais para o entendimento de ambas as pesquisas, sem valorizar um ou outra em especial. Traz aspectos de seu uso, além dos cuidados inerentes à aplicação de cada uma das abordagens. A seguir, apresenta a associação de ambas as perspectivas, com métodos mistos ou combinados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Método. Qualitativo. Quantitativo.

### 1. INTRODUÇÃO

Revisitando as abordagens em torno das pesquisas, podem ser encontrados dois grandes paradigmas: a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa. Segundo a bibliografia especializada no assunto, existem diferenças fundamentais entre ambas. Não se descarta, porém, a possibilidade de uma combinação de ambas as perspectivas, o que, para alguns pesquisadores, é a chamada pesquisa combinada com os métodos quantitativos e qualitativos, ou, ainda, métodos mistos ou combinados. Mas, em relação a essas escolhas, ou mesmo às possíveis combinações, é necessário estar ciente dos objetivos aos quais se propõe a pesquisa.

Quanto às escolhas e ao empreendimento de uma ou de outra modalidade em projetos de pesquisa, existem várias concepções que as permeiam. As Ciências Sociais, particularmente, suscitam, entre outras discussões, o debate entre a sociologia positivista e sociologia compreensiva (GOLDENBERG, 1999). Muitas são as diferenças entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa. Todavia, é possível combiná-las, como já foi referido anteriormente. E, em relação a isso, procurar-se-á abordar alguns aspectos, elucidando-os, com vistas ao conhecimento do cenário da investigação científica.

### 2. PESQUISA QUALITATIVA

Contrariamente ao que se possa pensar, a pesquisa qualitativa teve os mesmos antecedentes históricos que a pesquisa quantitativa, ou seja, as ciências naturais e a filosofia. O matemático Isaac Newton, por exemplo, utilizou a abordagem qualitativa para demonstrar o efeito prisma do espectro luminoso. Sua teoria apóia-se nas experiências de dispersão de cores por um prisma, tendo observado uma imagem espelhada, vermelha numa extremidade, violeta

na outra, amarela, verde e azul na região intermédia: ângulos de refração diferentes correspondiam a cores diferentes. Além dele, o cientista Charles Darwin estabeleceu a teoria da evolução das espécies, partindo de observações das diferenças entre espécies da vida selvagem e análise de dados puramente qualitativos, sem medir essas diferenças (GLAZIER; POWELL, 1992).

No campo das Ciências Sociais o termo pesquisa qualitativa assumiu diferentes significados, como o de compreender um conjunto de diversas técnicas interpretativas que objetiva descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Pretende traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre o pesquisador e o pesquisado, entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação (VAN MAANEN, 1979). O principal fundamento da pesquisa qualitativa é a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa (KAPLAN; DUCHON, 1988).

De um modo geral, são apresentadas como características da pesquisa qualitativa a objetivação do fenômeno, a hierarquização de ações como descrever, compreender, explicar, a precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno, a observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural, o respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, as orientações teóricas e os dados empíricos, a busca de resultados os mais fidedignos possíveis, a oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Quanto ao método, também são encontradas distinções nos estudos qualitativos, bem como na forma e nos objetivos. De acordo com Godoy (1995), uma pesquisa desse tipo é caracterizada por um conjunto de características essenciais. Entre os atributos mencionados pela autora, vale destacar o tipo de meio, que possui como fonte o ambiente natural e tendo o pesquisador como o principal instrumento. Como Godoy (1995) explica, na pesquisa qualitativa

[...] valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte (GODOY, 1995, p. 62).

A pesquisa qualitativa possui um caráter descritivo e o enfoque indutivo, além de a preocupação do investigador residir no significado que as pessoas destinam às coisas e à vida. Assim, ao coletar os dados e descrevê-los, é possível que seja efetuada uma análise, o que é requerido em um processo indutivo. É o que se pode entender, tendo em vista que na pesquisa

qualitativa é objetivada a compreensão ampla do fenômeno em estudo, e todos os dados são importantes. Os ambientes e as pessoas são analisados de forma integral, e “reduzidos a variáveis, mas observados como um todo” (GODOY, 1995, p. 62). O aspecto indutivo das pesquisas qualitativas é outro destaque a ser observado. Considerando-se o fato de não se partir de hipóteses preestabelecidas, não há preocupação com a busca de “dados ou evidências que corroborem ou neguem tais suposições”. Portanto, parte-se “de questões ou focos de interesse amplos, que vão se tornando mais diretos e específicos no transcorrer da investigação” (GODOY, 1995, p. 63).

A preocupação de pesquisadores que empreendem estudos qualitativos não reside na representatividade numérica dos dados, apesar de que possam existir estes tipos de informações, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, ou de uma organização, entre outras atenções. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa procuram não fazer julgamentos, tampouco permitir que seus conceitos anteriores e crenças influenciem no processo de análise da pesquisa (GOLDENBERG, 1999). Os métodos qualitativos, então, buscam explicar as razões dos fenômenos, sem, contudo qualificar os valores e as trocas simbólicas, tampouco se submeter à prova de fatos, pois os dados analisados não são numéricos, valendo-se de diferentes abordagens. Acerca a opção pelo uso da abordagem qualitativa, Godoy (1995) argumenta:

Quando estamos lidando com problemas pouco conhecidos e a pesquisa é de cunho exploratório, este tipo de investigação parece ser o mais adequado. Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada. Ainda quando a nossa preocupação for a compreensão da teia de relações sociais e culturais que se estabelecem no interior das organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer interessantes e relevantes dados (GODOY, 1995, p. 63).

Mas, como em tudo na vida, em relação às teorias e aos métodos, podem ser encontrados alguns problemas. Segundo estudiosos, o desenvolvimento da pesquisa é imprevisível, e o conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. Liebscher (1998) afirma que os métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não pretende uma quantificação. Em geral, estes métodos são utilizados no momento em que os entendimentos do contexto social e cultural são elementos importantes para a pesquisa. Para trabalhar com métodos qualitativos é importante aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre as pessoas, além da relação destas e os sistemas.

Dentre os procedimentos metodológicos, muitos métodos podem ser utilizados nas pesquisas qualitativas, como estudo de caso, pesquisa documental, pesquisa histórica,

etnografia, estudos de entrevista qualitativa, grupos focais, autonarrativas, apenas para citar algumas possibilidades. Do mesmo modo, as técnicas para a coleta dos dados podem ser diversas, como coleta de documentos, entrevistas, observações, formulários, entre tantas formas de alcançar as informações necessárias à análise para a pesquisa. Demarrais e Lapan (2004) sustentam que em todos os métodos considerados qualitativos, é importante que sejam compreendidas as controvérsias e as complexidades éticas presentes nesta abordagem, considerando-se os problemas sociais em uma variedade de contextos sociopolíticos. Outro ângulo analisado pelos autores é o foco consistente em todo o entrelaçamento entre teoria e projeto de pesquisa. Posturas epistemológicas e quadros teóricos são reveladores do processo de pesquisa, não importa qual design e métodos são selecionados para uso em um estudo particular. Os pesquisadores precisam articular claramente suas suposições, crenças e valores sobre a natureza da realidade, do conhecimento e da pesquisa.

Quanto à coleta dos dados, a investigação é descritiva. Conforme Gil (2002, p. 42), estas pesquisas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. O autor explica, ainda, que entre este tipo de pesquisa, destaca-se aquela que objetiva conhecer características de determinados tipos de atributos de grupos, tais como “sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental, etc.” Do mesmo modo, e segundo Gil (2002, p. 42), há, também, investigações que intencionam “estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”.

Os dados provenientes da coleta dos dados da pesquisa, por sua vez, são revistos pelo investigador na sua totalidade. Estes são recolhidos em situação natural e complementados pelas informações obtidas no contato direto; transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais são utilizados; observa-se a supremacia do processo em relação ao produto; é indicada uma familiarização com o ambiente, com as pessoas e outras fontes de dados adquiridos principalmente através da observação direta, do estudo de caso da entrevista, além da história de vida, entre outros.

Baccin Brizolla *et al.* (2020) elucidam que, por vezes, as explicações em torno das diferenças entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa residem no uso de termos verbais, para a qualitativa, e de dados numéricos, para a quantitativa. Ou, então, o uso de perguntas mais

fechadas para as hipóteses quantitativas, e as mais abertas, para as qualitativas. Os autores propõem que o modo mais completo para analisar as diferenças encontra-se

[...] nos pressupostos filosóficos básicos que os pesquisadores trazem para o estudo, os tipos de estratégias de pesquisa utilizadas no geral da pesquisa (por exemplo, experimentos quantitativos ou estudos de caso qualitativos) e os métodos específicos empregados na realização dessas estratégias (por exemplo, a coleta de dados quantitativos sobre os instrumentos de coleta de dados qualitativos em relação à observação de um ajuste) (BACCIN BRIZOLLA *et al.*, 2020, p. 109).

Como possível limitação da pesquisa qualitativa é apontada a necessidade de um constante rigor, a fim de que o pesquisador não tenha uma excessiva confiança no instrumento de coleta dos dados. Sempre é prudente o cuidado. Salienta-se que a correção e a cautela não são, apenas, prerrogativas da pesquisa qualitativa, mas de todo o tipo de investigação. E, a atitude vigilante de quem pesquisa, do mesmo modo, é fundamental. Pode-se analisar outro aspecto a se ter prudência, por parte de quem está investigando. A reflexão criteriosa e exaustiva em relação aos dados pode minimizar os possíveis problemas de uma análise superficial. Assim, ao analisar e retornar diversas vezes à análise, o investigador poderá minimizar possíveis incongruências, controlando o efeito do observador.

Podem ser apontados outros aspectos a serem ponderados, que são capazes de se tornar pontos de restrição da pesquisa, como a falta de detalhes sobre os processos através dos quais suas conclusões foram alcançadas, a falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes, a certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados, a sensação de dominar profundamente o seu objeto de estudo, o envolvimento do pesquisador na sua situação (ou com sujeitos) pesquisada. Enfim, a eterna vigilância é um dos requisitos para a realização de uma pesquisa coerente e honesta.

Nos últimos tempos tem acontecido a ampliação da aceitação da pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais. Essa legitimidade pode ser explicada a partir de

[...] exigências de objectividade, validade e fiabilidade num contexto em que se reconhecem as limitações do positivismo, enquanto paradigma de referência na investigação em geral. O paradigma construtivista surge como alternativa para resolver questões a que o positivismo não dá resposta sem deixar de colocar novos problemas de índole epistemológica e metodológica (SILVA, 2013, p. 2).

Esse alargamento da receptividade em torno da investigação qualitativa abriu um espaço importante entre as técnicas etnográficas para a coleta dos dados e suas origens no pensamento fenomenológico e estruturalista (RICHARDSON, 1999). Baccin Brizolla *et al.* (2020), a esse respeito, explicam:

A pesquisa qualitativa tornou-se mais visível durante a década de 1990 e no século 21. Alguns livros resumiram os vários tipos de pesquisa qualitativa, como as 19

estratégias identificadas por Wolcott (2001), e seus procedimentos estão disponíveis em abordagens específicas na investigação qualitativa. Por exemplo, Clandinin e Connelly (2000) construíram uma imagem de que os pesquisadores narrativos fazem. Moustakas (1994) discutiu os princípios filosóficos e os procedimentos do método fenomenológico, e Corbin e Strauss (1990; 1998) identificaram os procedimentos da teoria fundamentada. Wolcott (1999) resumiu os procedimentos etnográficos, e Stake (1995) debateu os processos envolvidos no estudo de caso (BACCIN BRIZOLLA *et al.*, 2020, p. 108).

A transformação que ocorreu é legitimada pelo entendimento de que os critérios positivistas de validade conferem uma autenticidade aos resultados da pesquisa, a qual é imediatamente visualizada por outra pessoa, além do pesquisador. Não entanto, os testes mais poderosos de validade disponível ao pesquisador quantitativo, tais como a amostragem aleatória e a estatística inferencial, não estão imunes à manipulação. Ao invés de se constituírem um marco de autenticidade, as técnicas utilizadas para procurar validade podem ser um meio de evitar o risco da autodecepção. Ainda que as técnicas possam ser relatadas, a sua aceitação implica certo grau de confiança na integridade do pesquisador. Isso não significa que os resultados da pesquisa devam ser imediatamente aceitos; o ônus recai no pesquisador, que deve convencer seus leitores que os resultados são válidos.

A validade da pesquisa qualitativa pode ser analisada em termos da administração reflexiva da relação entre as opiniões dos investigados e um processo mais abrangente de análise histórica e estrutural. Essa é uma combinação complexa, que exige um trabalho cuidadoso em cada etapa do processo de pesquisa. Proporciona, porém, uma oportunidade de ir além das aparências superficiais do cotidiano. Permite, também, fazer uma análise teórica dos fenômenos sociais, baseada na vida diária das pessoas e na aproximação crítica das categorias e formas como se configura essa experiência do cotidiano.

Como explicitado no início deste ensaio, objetiva-se tratar de ambas as abordagens, explicitando ao máximo a respeito de cada uma, possibilitando, assim, as escolhas que deverão ocorrer conforme os propósitos da investigação. Passa-se, portanto, à análise dos principais aspectos relacionados à investigação do tipo quantitativo.

### **3. PESQUISA QUANTITATIVA**

A pesquisa quantitativa, outro paradigma de pesquisa, busca uma análise das quantidades de informações, para que os resultados constituam-se medidas precisas e confiáveis do objeto em estudo. Permite que sejam feitas análises estatísticas, atendendo à necessidade de mensuração, representatividade e projeção. Como explicam Gerhardt e Silveira, (2009, p. 33), a “pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana”.

Pode-se, assim, dizer que a pesquisa quantitativa utiliza instrumentos específicos, os quais são capazes de estabelecer relações e causas, levando em conta mensurações. Com estes procedimentos, os resultados podem ser projetados para um todo, sendo generalizados.

A aplicação de métodos quantitativos torna possível estabelecer as prováveis causas a que estão submetidos os objetos de estudo, assim como descrever em detalhes o padrão de ocorrência dos eventos observados. Tais técnicas permitem abordar uma grande variedade de áreas de investigação com um mesmo entrevistado, validar estatisticamente as variáveis em estudo, e seus resultados podem ser extrapolados para o universo pesquisado; daí este tipo de pesquisa também ser denominado de pesquisa descritiva ou de validação estatística (BRANNEN, 1992).

Uma das possibilidades do uso da pesquisa do tipo quantitativa, por exemplo, pode ser descobrir quantas pessoas de uma determinada população compartilham uma característica ou um grupo de características. Ela é especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística. Portanto, a pesquisa quantitativa é apropriada para medir tanto opiniões, atitudes e preferências quanto comportamentos. Se o objetivo é saber quantas pessoas usam um produto, um serviço ou têm interesse em um novo conceito de produto, a pesquisa quantitativa é a indicada. Ela também é usada para medir um mercado, estimar o potencial ou o volume de um negócio, e para medir o tamanho e a importância de segmentos de mercado. Entretanto, a pesquisa quantitativa não é apropriada, tampouco tem custo razoável, para compreender os motivos ou as justificativas dos objetos em estudo. As questões devem ser diretas e facilmente quantificáveis, e a amostra deve ser grande o suficiente para possibilitar uma análise estatística confiável e, assim, generalizar.

A abordagem quantitativa pode ser empregada quando se pretende determinar o perfil de um grupo de pessoas, baseando-se em características que elas têm em comum, como sexo, idade, entre outros atributos. Através de técnicas estatísticas avançadas inferenciais, é possível a criação de modelos capazes de prognosticar opiniões ou ações, além de outros dados importantes.

O caso do uso de metodologias quantitativas para a elaboração de políticas públicas pode, também, ser um aspecto a analisar. Conforme Batista e Domingos (2017):

O uso de técnicas quantitativas para a avaliação de políticas é a mais difundida já que quantifica o impacto sobre os resultados. Outras características da metodologia quantitativa também contribuem para a sua difusão, como a análise sistemática, a possibilidade de generalização dos resultados, a transparência dos métodos e a possibilidade de replicação dos achados (BATISTA; DOMINGOS, 2017, p. 13).

Nesse tipo de abordagem, os pesquisadores procuram identificar os elementos constituintes do objeto estudado, estabelecendo a estrutura e a evolução das relações entre os componentes. Seus dados são métricos (medidas, comparação/padrão/metro) e as abordagens são experimentais hipotético-dedutivas, verificatórias. Eles têm como base as metateorias formalizantes e descritivas.

Batista e Domingos (2017) ressaltam algumas possíveis críticas que podem ser feitas às análises exclusivamente quantitativas. Para as autoras, a demanda pelas regularidades e generalizações pode focar, apenas, no que é comum, ao invés de objetivar o que é específico. Logicamente, salienta-se que a busca pela idiosincrasia é um intento das investigações qualitativas, todavia, não das quantitativas. Entretanto, o extremo pode, também, levar a um descompasso. Neste ponto vale, novamente, referir que o objetivo ao qual a pesquisa se destina é primordial. Outra pontuação de Batista e Domingos (2017) assenta-se no fato de que

o foco nos números acaba por inibir o foco nas pessoas, suas histórias, valores, símbolos e como elas interpretam o mundo. Há ainda a crítica da concentração na explicação e não na interpretação, além da constante exclusão das análises de fatores que não são passíveis de mensuração, mas que ainda assim são relevantes (BATISTA; DOMINGOS, 2017, p. 13).

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, podem ser encontradas pesquisas de levantamento como quantitativas. Aragão (2017) discorre sobre ao uso de estudos quantitativos em investigações científicas. O autor classifica as pesquisas em estudos descritivos e estudos analíticos. Descritivos são aqueles estudos que descrevem a realidade, e são muito utilizados quando se sabe pouco ou nada sobre um determinado assunto. Os estudos descritivos são relatos de caso, ou *cases*, que é “um caso raro ou de evolução incomum”, e, além disso, estas temáticas são frequentes em áreas de gestão ou administração, quando algumas realidades são descritas de forma a partilhar experiências (ARAGÃO, 2017, p. 60). O outro tipo de pesquisa descritiva é o estudo de incidências, que consiste em uma tabulação de novos casos ocorridos em uma região em determinado período.

Embora possa ser considerado um estudo de menor importância ou, até, restrito, deve-se enfatizar a importância de sua utilização. Aragão (2017) explica que sem eles não seria possível fazer inferências. Estas investigações podem ser ferramentas muito importantes para as gestões, como as de sistemas de saúde, na educação, ou em outras áreas. Podes-se “lançar mão de estudos de incidência para caracterizar a demanda de seus serviços, como, por exemplo, sua incidência de procedimentos cirúrgicos ou partos em um hospital” (ARAGÃO, 2017, p. 60). O mesmo poderá ocorrer no âmbito educacional. Ao obter dados sobre determinados

aspectos educacionais, é possível elaborar políticas públicas que contribuam para a melhoria do ensino.

Outra grande categoria de estudos quantitativos, conforme Aragão (2017), é a analítica, a qual o autor subdivide em dois tipos, os estudos observacionais e os experimentais. Os estudos observacionais incluem investigações transversais, de coorte, tipo caso-controle e os ecológicos. Os estudos transversais ou de corte transversal são aqueles que visualizam a situação de uma população em um determinado momento. Permitem a coleta dos dados com baixo custo, são rápidas e facilmente exequíveis. Todavia, há críticas quanto às restrições das análises inferidas. Gil (2002, p. 50) argumenta que os estudos de coorte relacionam-se a “um grupo de pessoas que têm alguma característica comum, constituindo uma amostra a ser acompanhada por certo período de tempo, para se observar e analisar o que acontece com elas”. Estes estudos são largamente utilizados em pesquisas de ciências da saúde. Os estudos caso-controle, conforme Aragão (2017, p. 61), partem do pressuposto de que “em um estudo de Coorte a análise se baseava em comparar as prevalências entre indivíduos com e sem o desfecho”. Assim, alguns estudiosos buscaram uma abordagem similar, mas simplificada. Deste modo, o caminho foi seletar “um grupo de pessoas com o desfecho em estudo (casos) e compará-los com pessoas sem o desfecho escolhidas aleatoriamente entre a população geral”. O autor salienta a relevância do cuidado quanto ao apartamento dos indivíduos controle, sendo originados da mesma população fonte. Por fim, na categoria de estudos observacionais, Aragão (2017) apresenta os estudos ecológicos. Semelhantes aos estudos transversais, deste diferem pelo fato de medirem os desfechos em populações, e não em indivíduos.

Por fim, Aragão (2017) apresenta os estudos experimentais, que se encontram na segunda grande categoria dos estudos analíticos, como os observacionais, mas este último de experimentais.

A diferença nestes estudos reside principalmente no fato de que a intervenção é sempre necessária em estudos experimentais. Ela é o fator a ser estudado e a diferença entre diferentes taxas de um determinado desfecho (desejável ou não) será avaliada e medida de forma a considerar determinada intervenção como recomendável ou não (ARAGÃO, 2017, p. 41).

As investigações experimentais incluem, principalmente, os ensaios clínicos, que pretende avaliar a efetividade ou não de um procedimento. Este estudo compara os “resultados obtidos por dois grupos de pessoas que receberam determinado procedimento versus indivíduos que não receberam ou que receberam um novo procedimento/tratamento versus indivíduos que receberam o procedimento” (ARAGÃO, 2017, p. 61).

O quadro, a seguir, apresenta uma síntese dos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas, e apresentados anteriormente, com base em Aragão (2017).

**Quadro 1:** Estudos Quantitativos em Pesquisas Científicas.



Fonte: Autoria própria (2023).

Após a apresentação, análise e discussões em torno das pesquisas qualitativas e quantitativas passa-se a tratar da combinação de ambas.

#### 4. PESQUISAS MISTAS OU COMBINADAS

Os métodos qualitativos e os quantitativos de pesquisa não se excluem. Conquanto possam diferir quanto à forma e à ênfase, o que permite sua diferenciação, os mesmos não guardam relação de oposição entre si (POPE; MAYS, 1995). Não obstante os métodos qualitativos e quantitativos contrastarem, não se pode afirmar que os mesmos se oponham ou se excluam mutuamente como instrumentos de análise. Os pontos de vista, efetivamente, podem ser complementares de um mesmo estudo (WILDEMUTH, 1993).

Teóricos denominam a combinação dos métodos qualitativos e quantitativos como triangulação, ou mesmo de validação convergente ou multimétodo (JICK, 1979). Morse (1991) emprega o termo triangulação simultânea para o uso conjunto de ambos os métodos. Ela explica que esta triangulação consiste na utilização de, ao menos, duas abordagens, usualmente quantitativa e qualitativa, com vistas a abordar um mesmo objeto de estudo. Ademais, conforme a autora, quando um único método é inadequado, a triangulação pode garantir uma explanação mais abrangente e, assim, obter a resposta ao problema da pesquisa. Morse (1991) ressalta, sem embargo, que, na fase da coleta dos dados, a interação entre os métodos fica um pouco reduzida, sendo que na fase de conclusão voltam a se complementar.

Por estes motivos, pesquisadores sustentam que a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas pode reduzir os problemas provenientes da adoção exclusiva de um ou de outro

método. Para seguir na análise, talvez seja pertinente visualizar uma síntese de ambas as abordagens, a qualitativa e a quantitativa. O quadro apresentado a seguir foi construído com base na proposta de Brannen (1992).

**Quadro 2:** Comparativo das Abordagens Qualitativas e Quantitativas.

<b>Aspecto Comparativo</b>	<b>Abordagem Qualitativa</b>	<b>Abordagem Quantitativa</b>
Variáveis	As variáveis podem construir o produto ou o resultado.	As variáveis são os veículos ou os significados da análise.
Coleta de Dados	O pesquisador inicia com uma definição genérica de conceitos, os quais, com o desenvolvimento da pesquisa, pode modificar a definição anterior.	Isola e define as variáveis e categorias de variáveis. As variáveis são conectadas às hipóteses, muitas vezes antes de os dados serem coletados, sendo, então, testados.
Olhar do Pesquisador	Dá-se por meio de “grandes” lentes, procurando padrões de interrelações entre um conjunto de conceitos não pensados previamente.	Dá-se através de lentes de um conjunto específico de variáveis.
Conjunto dos Dados	Os pesquisadores devem usar os instrumentos, atendendo às próprias escolhas culturais e aos dados. <b>Flexibilidade e reflexibilidade do pesquisador.</b>	O instrumento é uma ferramenta pré-determinada e regulada aos poucos, o que permite mais <b>flexibilidade, dado imaginativo e reflexibilidade.</b>
Indução Analítica comparada à Indução Enumerativa	Os conceitos e as categorias que são ditas como foco, e não a incidência ou frequência. Ocorre a indução analítica. O pesquisador analisa os dados, formulando hipóteses para testagem e verificação. Abstrai os caracteres de um caso concreto que são essenciais, e os generaliza, presumindo que tão distante quanto essencial, eles são similares em muitos casos.	É tipicamente associada ao processo de indução enumerativa. O foco é inferir uma característica ou uma relação entre variáveis para uma matriz da população. A abstração ocorre por meio da generalização.

**Fonte:** A autoria própria, a partir de Brannen (1992).

Tashakkori e Creswell (2007) trataram das características que entendem devam apresentar as pesquisas que utilizam métodos mistos ou combinados. Entre esses, os autores argumentam que a investigação deve demonstrar a necessidade desse uso, a fim de responder a questões de pesquisa, e que incluem componentes qualitativos e quantitativos claramente interconectados. Além disso, os dados qualitativos e quantitativos precisam ser identificáveis distintamente, pois são analisados e apresentados separadamente. Os autores indicam, também, a realização de inferências ou conclusões identificáveis com base nos resultados de análises de dados qualitativos e quantitativos apropriados. Por fim, sustentam a necessidade de integrar claramente os resultados qualitativos e quantitativos do estudo em conclusões ou inferências coerentes, que são mais abrangentes e significativas, do que particularmente as qualitativas ou quantitativas isoladas.

Vale destacar, segundo Tashakkori e Creswell (2007), que uma investigação mista ou combinada tem início com uma questão ou objetivo de pesquisa que revela fortemente a necessidade deste uso. As questões de pesquisa são moldadas pelo propósito de um estudo e, por sua vez, formam os métodos e o projeto da investigação. Portanto, os autores indicam que é crucial delinear as possibilidades de escrever questões de pesquisa em estudos de métodos mistos, especificando este processo em três pontos específicos.

Para começar, conforme Tashakkori e Creswell (2007), deve-se escrever questões quantitativas e qualitativas separadamente, seguidas de uma questão explícita de métodos mistos, ou, mais especificamente, questões sobre a natureza da integração. Uma possibilidade pode ser o questionamento quanto ao fato de os resultados quantitativos e qualitativos convergirem. Ou, ainda, no caso de a investigação ser mais sequencial, pode-se inquirir de que modo os resultados qualitativos de acompanhamento ajudam a explicar os resultados quantitativos iniciais, por exemplo. Portanto, é importante incluir questões específicas, tornando explícita a intenção de combinar ambas as vertentes no estudo.

O segundo ponto apresentado por Tashakkori e Creswell (2007) relaciona-se à escrita de uma questão de pesquisa mista abrangente, que eles também denominam de híbrida ou integrada, e que, posteriormente, será dividida em subquestões quantitativas e qualitativas separadas, para responder em cada vertente ou fase do estudo. Os autores explicam que esse procedimento é mais frequente em estudos paralelos ou concorrentes comparativamente aos sequenciais. Outro aspecto a zelar é o fato de, muito embora a questão abrangente esteja implicitamente presente, nem sempre está explicitamente declarada.

O terceiro e último tópico que Tashakkori e Creswell (2007) defendem é a escrita das questões de pesquisa para cada fase de um estudo, na medida em que este evolui. Portanto, se a primeira fase for quantitativa, a questão ou a hipótese será quantitativa. Se o segundo estágio for qualitativo, a pergunta dessa etapa será de pesquisa qualitativa. Esse caso encontra-se mais em estudos sequenciais do que em investigações concorrentes.

Entende-se, portanto, e a partir das argumentações de Tashakkori e Creswell (2007), que estas três práticas oferecem diferentes perspectivas sobre questionamentos em pesquisas de métodos mistos. Elas apresentam questões sobre se apenas inquirições quantitativas e qualitativas devem ser escritas, se uma única questão de métodos mistos deve ser escrita para enfatizar a natureza da mistura e integração, ou se uma única pergunta mista (híbrida, integrada) deve ser escrita que transcenda as subsequentes subquestões qualitativas e quantitativas.

## **5. REFLEXÕES FINAIS**

O presente ensaio objetivou, como anunciado em seu início, tratar de dois paradigmas presentes em pesquisas na atualidade, a abordagem qualitativa e a quantitativa. Foram apresentados alguns dados essenciais para o entendimento de ambos os tipos de pesquisa, discutindo-os e apontando suas fortalezas e fragilidades.

Após, também foram apresentadas e discutidas as pesquisas mistas, combinadas, em triangulação, enfim, como pode ser denominada. Este tipo de abordagem, por sua vez, que considera a união de ambas as possibilidades, quantitativa e qualitativa, pode potencializar muito os resultados de investigações.

As vantagens de se integrar os dois métodos estão, por um lado, na explicitação de todos os passos da pesquisa, e de outro, na oportunidade de prevenir a interferência da subjetividade do pesquisador nas conclusões obtidas. Mas, outros cuidados devem ser adotados para que uma pesquisa alcance o sucesso, e seja aceita nos meios científicos, a exemplo da correção e adaptação dos instrumentos de pesquisa durante todo o processo, intervenção, através de instrumentação para a obtenção de resultados mais confiáveis, e manuseio de forma responsável de objetos e acontecimentos, entre outros. Buscando-se uma excelência em pesquisa, o pesquisador deve levar em consideração as possíveis dificuldades a serem enfrentadas no seu transcorrer. Nesse particular, experiência e maturidade são fatores determinantes para o seu bom desempenho.

Além da consciência do papel do pesquisador frente às exigências do projeto, deve-se buscar um controle da subjetividade, possibilitando os sujeitos a expressarem livremente suas opiniões, respeitando os valores e responsabilidades do pesquisador para consigo e para com a sua profissão, fazendo interpretações através de um esquema conceitual, levando em consideração a expressão de opiniões, crenças, atitudes e preconceitos, etc.

Com relação ao procedimento ético em pesquisa, é necessário buscar o consentimento informado e a proteção dos sujeitos contra quaisquer espécies de danos, dar importância central à intencionalidade dos atores, à complexidade e à fluidez dos processos implicados no desenvolvimento da ação social. Neste particular é crucial citar a Resolução CNS n.º 510, de 7 de abril de 2016. Este documento “dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana” (BRASIL, 2016, p. 1). Portanto, acrescente-se a todos os cuidados já mencionados, os procedimentos éticos.

Por fim, espera-se que, com as reflexões compartilhadas no presente ensaio possam ajudar pesquisadores na escolha de suas abordagens investigativas, as quais, sempre devem primar pelos objetivos que o objeto de estudo requer.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, J. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **Revista Praxis**, v. 3, n. 6, p. 59-62, 2011. DOI: <https://doi.org/10.25119/praxis-3-6-566>. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/566>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BACCIN BRIZOLLA, M. M. *et al.* Uma revisão sobre a pesquisa qualitativa em ciências sociais aplicadas. **UFAM Business Review - UFAMBR**, v. 2, n. 3, p. 103-130, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47357/ufambr.v2i3.8087>. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/ufambr/article/view/8087>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BATISTA, M.; DOMINGOS, A. Mais Que Boas Intenções: Técnicas quantitativas e qualitativas na avaliação de impacto de políticas públicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-24, jun. 2017. DOI: 10.17666/329414/2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbesoc/a/5ZNdYqMxxshpBCTzdKTYt5S/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRANNEN, J. *et al.* **Mixing methods**: qualitative and quantitative research. England: Thomas Coram Research Unit Institute of education, 1992.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

DEMARRAIS, K.; LAPAN, S. D. (Ed.). **Foundations for research methods of inquiry in education and the social sciences**. London, Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

DUFFY, M. E. Methodological triangulation: a vehicle for merging quantitative and qualitative research methods. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 19, n. 3, p. 130-133, 1987. DOI: 10.1111/j.1547-5069.1987.tb00609.x. Disponível em: <https://sigmapubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1547-5069.1987.tb00609.x>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GLAZIER, J. D.; POWELL, R. R. (Ed.). **Qualitative research in information management**. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar-abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

JICK, T. D. Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation in action. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 602-611, dec. 1979. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2392366>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

KAPLAN, B., DUCHON, D. Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study. **MIS Quarterly**, v. 12, n. 4, p. 571-586, dec. 1988. Disponível em: <[https://staff.blog.ui.ac.id/r-suti/files/2010/03/qualquant\\_in\\_is.pdf](https://staff.blog.ui.ac.id/r-suti/files/2010/03/qualquant_in_is.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2023.

LIEBSCHER, P. Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. **Library trends**, v. 46, n. 4, p. 668-680, spring 1998. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/items/8139>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

MORSE, J. M. Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation. **Nursing Research**, v. 40, n. 2, p. 120-123, march 1991. Disponível em: <[https://journals.lww.com/nursingresearchonline/Citation/1991/03000/Approaches\\_to\\_Qualitative\\_Quantitative.14.aspx](https://journals.lww.com/nursingresearchonline/Citation/1991/03000/Approaches_to_Qualitative_Quantitative.14.aspx)>. Acesso em: 25 jan. 2023.

POPE, C.; MAYS, N. Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health service research. **British Medical Journal**, n. 311, p. 42-45, 1995. DOI: 10.1136/bmj.311.6996.42. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2550091/>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RICHARDSON, R. J. (Org.). **Pesquisa social**. 3ª ed., São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

SILVA, E. A. da. As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. **Revista Angolana de Sociologia**, v. 12, p. 1-24, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.740>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/740>. Acesso em: 25 jan. 2023.

TASHAKKORI, A.; CRESWELL, J. W. Editorial: Exploring the Nature of Research Questions in Mixed Methods Research. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, n. 3, p. 207-2011, jul. 2007. DOI: 10.1177/1558689807302814. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1558689807302814>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

VAN MAANEN, J. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 520-526, dec. 1979. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=EJ212334>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

WILDEMUTH, B. M. Post-positivism research: two examples of methodological pluralism. **Library Quarterly**, v. 63, n. 4, p. 450-468, 1993. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=EJ471252>>. Acesso em: 25 jan. 2023.